

# MARCHA DAS VADIAS: CONEXÃO TORONTO-RECIFE

---

Davi Barboza<sup>1</sup>

Maria Eduarda Antonino<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo faz algumas reflexões sobre o ativismo transnacional e o uso de redes virtuais na contemporaneidade a partir da Marcha das Vadias. A Marcha é abordada aqui com foco na (I) identidade do grupo, nas (II) maneiras como promovem discussões e mobilizam pessoas e no (III) processo de transnacionalização. Para a realização da pesquisa, houve um acompanhamento das *fanpages* da Marcha de Toronto, onde o movimento surgiu, e de Recife - capital, de acordo com o Mapa da Violência, de um dos Estados com maiores índices de feminicídios do Brasil.

**Palavras-chaves:** Marcha das Vadias; *SlutWalk*; ativismo transnacional; feminismo; facebook.

**Abstract:** This article makes some reflections on the transnational activism and the use of virtual social networks in the contemporaneity from the *SlutWalk*. The *SlutWalk* is approached here focusing on (I) the group's identity, (II) the ways in which they promote discussions and mobilize people and (III) in the process of transnationalization. To carry out the research, there was a follow up of the *fanpages* of *SlutWalk* Toronto, where the movement emerged, and Recife - capital, according to the Map of Violence, from one of the states with the largest indexes of feminicides in Brazil.

**Keywords:** Marcha das Vadias; *SlutWalk*; transnational activism; feminism; facebook.

## Introdução

A Marcha das Vadias (*SlutWalk*), movimento social que luta pelo espaço de reconhecimento e liberdade das mulheres, é uma das expressões mais significativas do feminismo contemporâneo. A Marcha, que teve a sua primeira manifestação em abril de 2011, em Toronto, Canadá, originou-se em contraponto ao discurso do policial Michael Sanguinetti (MCNICOL, 2012) de que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como *sluts* - termo que no português pode ser traduzido para “vagabundas”, “putas” ou “vadias” (RUSH, 2011). Em protesto a esse ato, e devido a pessoas de outras regiões do globo se identificarem

---

1 Doutorando em Ciência Política na UFPE. E-mail: davi.barboza@hotmail.com.

2 Doutoranda em Ciência Política na UFPE. E-mail: duda.antonino@gmail.com.

com tal reivindicação/pauta – fator essencial para a viabilidade da ação coletiva (MELUCCI, 1996), a Marcha rapidamente se espalhou pelo mundo com outras denominações: Marcha das Galdérias/Ordinárias, em Portugal, Marche des Salopes, França, *SlutWalk*, em países de língua inglesa, e Marcha de las Putas, na Espanha e em países de língua espanhola (GALETTI, 2014). A transnacionalização aconteceu através de dinâmicas de comunicação em rede.

No Brasil, o movimento cresceu principalmente com ênfase no enfrentamento à violência doméstica e, em 2012, mais de 20 cidades organizaram a primeira “Marcha Nacional das Vadias”, percorrendo capitais como Brasília, Salvador, Fortaleza, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Recife e Vitória. Nesses protestos, mulheres foram às ruas vestidas como “vadias” - de salto alto, roupas provocantes, fantasias sexuais, lingerie etc. - para protestar contra a crença de que mulheres que são vítimas de estupro são responsáveis pelo crime.

Diante do crescimento e relevância da Marcha no mundo e no Brasil, o intuito deste estudo é compreender de forma mais completa como se dá o ativismo transnacional da Marcha das Vadias. Para isso, o presente trabalho acompanhou durante quatro meses a *fanpage* oficial da Marcha de Toronto, onde o movimento surgiu, e realizou comparações de ações, discursos e formas de mobilização com a Marcha de Recife, também pela *fanpage* oficial do coletivo. Dessa forma, criou-se uma linha de análise de dois grupos (em relação a aspectos sociais, geográficos e políticos) que têm em comum o desejo de transformar a realidade machista, que é global.

Assim, a pergunta que norteia todo este trabalho é: quais as principais semelhanças e diferenças entre as Marchas do Recife e Toronto no que se refere à identidade desses movimentos e às formas de atuação? Para respondê-la, dois objetivos específicos/caminhos foram traçados e aplicados. O primeiro foi (a) investigar aspectos que caracterizam as Marchas de Toronto e Recife, identificando como esses grupos se definem (o discurso deles) e quais as principais pautas propostas em suas *fanpages*; o segundo foi (b) analisar as postagens das duas páginas com ênfase na dinâmica e nas formas sugeridas de mobilização (estratégias). Para auxiliar essa análise das *fanpages* uma ficha pré-codificada<sup>3</sup> foi utilizada – contemplando aspectos como (I) o tema dos posts, (II) o número de postagens no período acompanhado, (III)

3

Outra maneira de levantar informações de *fanpages* é utilizando softwares como o R ou o Netvizz.

o número de *likes* e (IV) o número de compartilhamentos.

Quanto à parte teórica, o trabalho se baseou em uma revisão bibliográfica que proporcionou reflexões sobre a transnacionalização das Marchas no mundo. A partir de estudiosos de diversas nacionalidades foi possível estabelecer uma ponte entre as discussões sobre identidade, política e ativismo.

Para executar o desenho de pesquisa, este *paper* está organizado da seguinte maneira: (1) a identidade da Marcha das Vadias (de uma pauta local para global), (2) análises das *fanpages*, (3) considerações finais e (4) referências bibliográficas. Vale ressaltar que as abordagens realizadas são apenas um recorte dado a um tema vasto, que vem sendo amplamente discutido na atualidade.

### **Identidade da Marcha - de uma pauta local para uma global**

O feminismo passou a ser um dos movimentos sociais globalizados que mais convergiram em manifestações antiglobalização na virada do século XXI. As protagonistas - pautadas nas inúmeras formas de diferenças/desigualdades entre mulheres, incluindo classe, raça, orientação sexual, religião e nação (CONWAY, 2012) - são algumas das mais experientes na construção de coalizões transnacionais.

Entretanto, o feminismo dominante vem sendo cada vez mais confrontado por movimentos de mulheres do Hemisfério Sul, a partir de dois pontos: 1) posição etnocêntrica em sua suposição de que todas as mulheres compartilham uma condição semelhante de opressão sob o patriarcado e 2) posição imperialista em seu projeto para a irmandade global com base na identidade presumidamente comum das mulheres.

A Marcha das Vadias, nesse sentido, surge num contexto de transformação/ressignificação do feminismo contemporâneo (ÁLVAREZ, 2014). Mesmo assim, o movimento possui ligações com etapas anteriores. Autores abordam que pautas defendidas pelo coletivo lembram a segunda onda do feminismo (GALETTI, 2014), a qual, iniciada em meados dos anos 1960, fazia reivindicações referentes, sobretudo, à sexualidade (direito ao prazer) e ao corpo (aborto e contracepção). Naquela época, assim como hoje, aconteceram vários movimentos contra abusos sexuais no mundo, os quais geraram grandes comícios e protestos (CARR, 2013).

Além de contar com a ajuda das novas mídias digitais (GONÇALVES e JUNQUEIRA, 2011), o que será mais bem contemplado na seção 1.1, o crescimento da Marcha, superando barreiras geográficas e políticas de Estados Nações, se deu em grande medida devido à ampliação do seu discurso. Mas quais foram essas bandeiras defendidas e por que se internacionalizaram? O coletivo se tornou universal para quem? Pode-se falar de um feminismo transnacional interseccional? Esses fatores serão debatidos nesta seção.

Nas Marchas contemporâneas, o conceito *slut*, e suas respectivas traduções (vagabunda, vadia etc.), foi absorvido e reproduzido pelas mulheres de várias partes do mundo, saindo de um contexto local, Toronto, para um global. Desse modo, o termo *slut* ganhou força mundo afora, pois as mulheres passaram a refletir sobre os usos e o poder dessa palavra. Há muitos anos os homens se apropriaram desse termo para justificar diferentes tipos de agressão. Afirmando que as mulheres apanham porque são “vadias”, que merecem ser estupradas porque são “raparigas”, inúmeros sinônimos de *slut* são atribuídos como justificativa para perpetuação da cultura do estupro.

Ressignificando o termo, *slut/vadia* passou a ser objeto de protesto, conseguindo se deslocar (RASSI, 2012) do interior de um discurso patriarcal para o interior do feminismo, consolidando-se como simbologia positiva e com força de contestação. Assim, mulheres de várias partes do mundo se identificaram de alguma maneira com o direito de poder ser “vadia”, caso quisessem, e compartilharam o desejo de ter mais liberdade, direitos e segurança (tanto física como simbólica). Os desdobramentos foram garotas de biquínis/tops marchando ao lado de mulheres com burcas; estudantes jovens ao lado de avós; e um número significativo até de homens nesses eventos (CARR, 2013).

A partir dessas conexões de distintos lugares do mundo, o próprio feminismo passou a ser rediscutido, e questões como classe, raça, orientação sexual, religião e nação passaram a integrar a luta. O novo repertório cultural feminista fez com que as Marchas se ampliassem, recebendo apoio e participação desde movimentos LGBTI a homens heterossexuais, o que desafia/desafiou convicções feministas clássicas, como a exclusividade das mulheres como protagonistas políticas do feminismo (GONÇALVES e JUNQUEIRA, 2011).

Entretanto, quanto ao perfil majoritário das integrantes das Marchas, tanto organizadoras como participantes, estudos apontam que são pessoas jovens, brancas e com nível educacional universitário - o que, frisa-se, não difere de muitos movimentos feministas históricos. Mesmo assim, vale refletir o porquê de aquelas pessoas mais atingidas pelo machismo e violência doméstica, de classes menos favorecidas, não serem maioria nas Marchas, o que levanta questionamentos sobre a própria pluralidade do movimento e acerca da reprodução de um feminismo hegemônico em várias partes do globo.

Além da identidade do grupo, a Marcha também constrói a dupla função do corpo, que constitui outra forma de identificação desse feminismo. Portanto o corpo é, ao mesmo tempo, objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e também de protesto, ou seja, suporte de comunicação.

Virtualmente e materialmente celebrados, os corpos-bandeiras (GOMES e SORJ, 2014) nas Marchas conduzem cartazes e, simultaneamente, são faixas e símbolos do movimento através de palavras de ordem política como: “Meu corpo, minhas regras”, “Meu vestido não é um sim!”, “Vadias livres”, “Meu útero é laico”, “O lugar da mulher é onde ela quiser”, “Meu corpo, meu território”, “Não, é Não”.

**Figura 1** – SlutWalk: Toronto, 2013



Disponível em: < <http://bit.ly/2tXyAlq> >. Acessado em 09.07.2017.

**Figura 2** – Marcha das Vadias, Recife, 2013

Disponível em: < <http://bit.ly/2twDBQM>>. Acessado em 09.07.2017.

Outra característica das Marchas é no modo de expressão da rebeldia e da contestação, caracterizando-se pela irreverência, deboche e ironia. Se a caricatura da antiga feminista era uma figura séria, sisuda e nada erotizada, essas jovens “modernas” entram com outras cores, sons e artefatos, teatralizando e carnavalizando o mundo público. Autodenominando-se “vadias”, ironizam a cultura dominante, conservadora e asséptica. Nesse sentido, arejam os feminismos, trazendo leveza na maneira de lidar com certos problemas, mas estabelecendo continuidades com as experiências passadas, mesmo que não explicitem esses vínculos nem reflitam sobre eles (RAGO, 1995).

Ainda existe, de acordo com a literatura, outra característica típica de todas as Marchas. A primeira é em relação a como os incidentes específicos, a

exemplo de casos de agressão sexual divulgados na mídia, acarretam em ações nas ruas. Exemplos de incidentes específicos incluem os comentários do policial Sanguinetti em Toronto (MCNICOL, 2012), o julgamento de estupro do Presidente da África do Sul Jacob Zuma e o estupro coletivo ocorrido na periferia do Rio de Janeiro, em 2016.

Apesar de todas essas características que compõem a identidade do movimento, o segmento mais forte, ligando os vários protestos da *SlutWalk*, é a oposição aos traços culturais. Repetidas referências a culpar a vítima ou a cultura de violação ocorreram em quase todos os casos, embora as particularidades das narrativas culturais foram adaptadas para refletir as especificidades dos discursos locais. A maioria destes *frames* podem ser resumidos em termos de “culpar a vítima” e “cultura de estupro”, que são frequentemente usadas pelas participantes da *SlutWalk*. “Culpar a vítima” refere-se à transferência da responsabilidade por agressão sexual do criminoso à vítima, enquanto “cultura de estupro” refere-se a atitudes culturais que normalizam, banalizam ou, caso contrário, permitam a agressão sexual.

**Figura 3** - Imagem da quarta edição da SlutWalk Toronto, em julho de 2014.



Disponível em: < <http://bit.ly/2uG19Bj>>. Acessado em 09.07.2017

**Figura 4** - Imagem da terceira edição da Marcha das Vadias, Recife, em julho de 2013.



Disponível em: < <http://bit.ly/2uZdnEE> >. Acessado em 09.07.2017.

### **A Marcha, um movimento em rede contemporâneo e transnacional**

A exemplo de outros movimentos sociais contemporâneos em rede, como o *Occupy Wall Street* e a Primavera Árabe, só para citar os mais famosos, a Marcha se utilizou fortemente do *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e *blogs* para difundir as ideias. Desde o momento da sua criação, a chave para organização e disseminação do movimento *SlutWalk* foi a internet-.

A ideia de ciberfeminismo- surgiu desde os anos 1990, quando as redes sociais tornaram-se um campo de militância para as mulheres. Foi uma grande mudança, uma vez que, conforme Plant relata em *A mulher digital* (1999), as mulheres historicamente foram o objeto da informação, mas nunca o sujeito na comunicação.

Desde a Revolução Industrial e em todas as fases subsequentes da mudança tecnológica tem acontecido que, quanto mais sofisticadas as máquinas, mais feminina se torna a força de trabalho [...]. Aconteceu isso desde que as primeiras máquinas automáticas passaram a ser operadas pelas primeiras operárias e o medo do desemprego, que tem obcecado as discussões modernas sobre a inovação tecnológica, sempre foi sentido pelos homens como trabalhadores e não por suas colegas mulheres (PLANT, 1999, p.43).



Com a inserção das mulheres na rede, em especial na Marcha, é possível destacar que esse ambiente extrapolou a função organizadora de movimentos, concretizando-se também como lugar de construção do próprio coletivo e dos sentidos sobre o feminismo que ele busca comunicar. A rede social *online* Facebook configura-se, nesse sentido, como um espaço de trocas de informações e negociações dos sujeitos do movimento social.

A Marcha de Toronto, por exemplo, com o intuito de motivar e ensinar outras pessoas do mundo a replicar as suas ações, criou uma espécie de manual de como agir no Facebook (MARTINI, 2015). Além disso, ciente da transnacionalidade da temática defendida, o movimento de Toronto se propôs, desde o início, a associar-se a outros movimentos sociais em busca de uma ação coletiva colaborativa de alcance mundial, através da lógica da agregação (ÁLVAREZ, 2014).

Para superar as barreiras culturais e econômicas, a Marcha do “mundo virtual” sempre buscou dialogar com a do “mundo real”. O resultado: as ruas tornaram-se o lugar onde o movimento acontece periodicamente, porém as redes *online* se consolidaram como a esfera na qual a Marcha sempre existe, sendo alimentada ininterruptamente. Essa mescla entre o espaço cibernético e o urbano oferece, portanto, um *espaço de autonomia* (CASTELLS, 2013) aos movimentos sociais.

Possivelmente, uma maior atenção ao ambiente virtual também é dada devido à pouca visibilidade que a Marcha recebe pela mídia tradicional, local onde enfrenta preconceitos e certo desinteresse. Gonçalves e Junqueira (2011) concluem, por exemplo, que o espaço dedicado à Marcha das Vadias pelos dois principais jornais impressos brasileiros, O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo, foi mínimo considerando-se o número de mobilizações realizadas. As autoras ainda acrescentam que as Marchas aparecem nas reportagens de forma jocosa ou periférica, privilegiando aspectos como o nome do movimento ou a pouca quantidade de roupas.

Em relação à transnacionalização das Marchas, algumas questões devem ser consideradas. A literatura de movimentos sociais aponta (EICHNER et al., 2015), por exemplo, que para que a ação em grupo ocorra, mesmo com objetivos únicos, ou talvez idênticos, apenas um coletivo de indivíduos não é suficiente, pois a mobilização depende de fatores como a capacidade de movimentar

recursos, os custos, o empenho dos atores envolvidos na ação e um discurso sólido e convincente. A falta de um desses requisitos já pode gerar obstáculos à mobilização. Bringel (2010), por sua vez, destaca três fatores importantes para a ação coletiva: a espacialidade (onde ocorrem as lutas pela apropriação de discursos), a tradução (quem são os tradutores e como se dá esse processo?) e as dinâmicas de difusão (que permitem observar os mecanismos utilizados para difundir mensagens, discursos, ações etc.). Dessa forma, estando cientes desses desafios para a ação coletiva, cabe-nos questionar as explicações para o processo (obstáculos e conquistas) de transnacionalização da Marcha.

Todavia, na nossa breve abordagem teórica, e posteriormente empírica, o destaque dado, devido ao escopo deste artigo, é às dinâmicas da difusão com foco no uso do *Facebook* e internet. Esta, segundo Álvarez (2014), se já era importante no campo feminista desde meados dos anos 1990, atualmente tem papel de destaque, especialmente, na popularização dos feminismos e na articulação desses campos incipientes e mais precarizados. De acordo com a autora, a própria predominância da modalidade “Marcha”, evidenciada na Marcha Mundial das Mulheres, Marcha das Vadias, Marcha das Mulheres Negras, Marcha das Margaridas, Marcha do Orgulho LGBT, entre outras, reflete precisamente o predomínio desses meios massivo de comunicação e interação, evidenciando a *lógica da agregação*.

Por fim, vale ressaltar que o ciberativismo não é um assunto novo (BRINGEL, 2010), sendo mais bem utilizado desde os anos 1990, a exemplo da Batalha de Seattle, em 1999, quando as novas mídias foram usadas para mobilizar e coordenar os protestos de ruas. Porém, com o desenvolvimento dos dispositivos móveis, da generalização das redes sem fio e do desenvolvimento de ferramentas da web, as relações sociais certamente mudaram, surgindo toda uma leva dos movimentos sociais contemporâneos.

### **As páginas oficiais**

Depois de levantar informações sobre a transnacionalização da Marcha, foi a partir da análise empírica das *fanpages* oficiais que buscamos compreender a (I) *identidade do grupo*, através da maneira (a) como as Marchas se definem em

suas respectivas *fanpages*, mais especificamente na seção “sobre” de ambas. Já a maneira como (II) *promovem discussões e mobilizam pessoas* foi apurada através do levantamento das postagens, observando aspectos como: (b) número de seguidores, (c) quantidade de curtidas nos últimos quatro meses, (d) quantidade de publicações e (e) dias de maiores postagens.

Para melhor assimilar as temáticas/pautas mais abordadas e defendidas pelos coletivos, as publicações também foram analisadas (f) em relação aos assuntos específicos, tais como: convocação para eventos, tipos de atividade, denúncia sobre abuso de mulher na mídia, texto sobre feminismo etc. Ainda buscando entender como a *fanpage* oficial se relaciona com outras (g) mídias sociais, levantamos se existe ou não representações dos coletivos em outras ferramentas da internet (*Instagram*, *Twitter* e canal no *Youtube*). O intuito dessa última etapa foi apenas ilustrativo, ou seja, não fizemos análises sistemáticas da atuação dos grupos nesses outros sítios. Por fim, também analisamos (h) imagens das Marchas postadas nas redes para refletir sobre o corpo-bandeira (GOMES e SORJ, 2014).

### **Marcha de Toronto**

A Marcha das Vadias Toronto está no *Facebook* desde 2011, ambiente no qual divulga as suas principais mobilizações e realiza postagens com intuito de combater a cultura do estupro. Na seção “sobre” de sua *fanpage*, que trata de como o grupo se define enquanto movimento, em oito parágrafos o coletivo conta um pouco de sua trajetória e objetivos. Nas primeiras frases, relata o motivo de seu surgimento, destacando o discurso misógino do policial de Toronto, já mencionado no início deste artigo, como fator primordial para enrijecer um sentimento de revolta.

Ainda na descrição do movimento, o termo *slut* e a sua reapropriação é abordado, porém pretende-se aqui chamar a atenção para dois outros aspectos: I) a intenção do movimento de Toronto de chegar a um grande número de pessoas, com orientações sexuais distintas, e II) os desdobramentos desse tipo de discurso.

[...] O que queremos é um diálogo significativo e estamos fazendo algo a respeito: ESTAMOS JUNTOS. Não só como mulheres, mas como pessoas de todas as

expressões de gênero e orientações, todos os tipos de vida, níveis de emprego e educação, todas as raças, idades, habilidades, e origens, de todos os pontos desta cidade e de outros lugares.

Pedimos que se juntem a nós, à *SlutWalk*, para fazer uma declaração unificada sobre agressão sexual e os direitos das vítimas e para exigir respeito por todos- (Descrição própria da *SlutWalk* Toronto, 2011).

A passagem aponta para uma tentativa da Marcha de superar as barreiras do gênero através de um discurso universalista. Afinal, ao abrir o leque de potenciais participantes, o movimento convida movimentos como o LGBTI para a luta contra a discriminação/violência sexual, o que remexe com convicções feministas clássicas de que as mulheres têm exclusividade sobre a pauta feminista (GONÇALVES e JUNQUEIRA, 2011).

Além disso, esse fator também pode explicar em alguma medida a aderência do movimento por parte de sujeitos políticos tão distintos. Nesse ponto é válido refletir que, diante dos problemas para a ação coletiva (MELUCCI, 1996; OLSON, 1999), uma possível saída encontrada pela Marcha Toronto foi a construção do que Laclau e Mouffe chamam de *cadeias de equivalência*. Tal conceito aborda que em certos momentos um grupo “é capaz de fazer coincidir dimensões de seus projetos particulares com os projetos de outros grupos, realizando, assim, uma ‘articulação’ provisória e instável, entre interesses distintos” (LACLAU e MOUFFE, 1987, apud CAZELOTO, 2009, p.157).

Assim, dentro dessa estratégia de articulação constrói-se uma relação de equivalência (“nós”) entre diferentes sujeitos políticos, e em torno de um *ponto nodal* (centro hegemônico de um discurso), de modo a se construir um projeto contra-hegemônico, um “nós” antagônico a um “eles”. Essa abertura e extensão do discurso da Marcha em sua descrição/identidade, de estar “todos juntos”, “não só como mulheres, mas como pessoas de todas as expressões de gênero e orientações”, pode ser um caminho para explicar a presença de indivíduos e movimentos não associados historicamente ao feminismo nas ações do coletivo, inclusive com forte participação na *fanpage*.

Em relação às principais pautas da *SlutWalk* Toronto, o acompanhamento

mensal identificou algumas mais preponderantes, tais como questões relacionadas à cultura do estupro, ao direito de livre manifestação do corpo e ao apoio a pessoas transgênero. A tabela 1 detalha esse acompanhamento.

**Tabela 1 – Dados da Marcha das Vadias, Toronto (2016)**

	<b>Agosto</b>	<b>Setembro</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>
<b>Nº de internautas que gostam da página</b>	15.027			
<b>Nº de publicações</b>	24	13	6	Nenhuma publicação
<b>Temas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cultura do estupro;</li> <li>- Identidade do coletivo;</li> <li>- Filantropia;</li> <li>- Apoio à mulher;</li> <li>- Direito a livre manifestação do corpo;</li> <li>- Doação à causa;</li> <li>- Apoio ao transexualismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Impunidade a estupro</li> <li>- Violência contra mulher</li> <li>- Direito a livre manifestação do corpo</li> <li>- Cultura do estupro</li> <li>- Survey sobre o Coletivo feito pela Marcha</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trump e o estupro</li> <li>- Feminismo</li> <li>- Apoio a SlutWalk de Hong Kong</li> </ul>	
<b>Nº de convocatórias para eventos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 3 (eventos/ oficinas e atos);</li> <li>- 0 (eventos onde a mulher é tema central)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 convocação para um evento sobre o corpo e liberdade de expressão</li> </ul>	0	
<b>Curtidas Totais</b>	1.496	1.329	575	-
<b>Nº de compartilhamentos das publicações</b>	348	185	122	-
<b>Principais dias das publicações</b>	Segunda, quarta e quinta	Segunda, terça e quarta	Segunda, quinta e sábado	-

Fonte: Elaboração própria (2017) a partir da *fanpage* SlutWalk Toronto (@SlutWalkToronto).

A seção 2.3 fará uma comparação mais detalhada entre os números observados das Marchas de Toronto e Recife no *Facebook*. De momento, vale apenas ressaltar que se observou um declínio significativo no

número de postagens e curtidas totais na Marcha de Toronto de agosto a novembro – este último mês não tendo nenhuma postagem.

### **Marcha do Recife**

Nosso outro ponto de análise é o Brasil, através da ação do coletivo Marcha das Vadias Recife (MVR), localizado na capital de Pernambuco, e, como já mencionado, um dos Estados com maior índice de violência contra a mulher no País. A MVR teve sua primeira ida às ruas no dia 11 de junho de 2011, sendo a terceira edição nacional da Marcha. Nessa data, reuniu cerca de 200 pessoas de acordo com o portal de notícias G1, ou 400 pessoas, como consta no documento divulgado no blog do coletivo. A MVR se descreve em sua carta de princípios, publicada no dia 12 de agosto de 2013, no blog do coletivo, como “um grupo feminista, horizontal, plural e não partidário, que luta contra todas as formas de violência e opressão de gênero, sexo, raça e classe impostas às mulheres”. Esse mesmo documento acrescenta que a principal pauta “é a autonomia sobre nossos corpos e sexualidade e a não culpabilização das mulheres nos casos em que sofremos violência”.

O manifesto do grupo, que ocupa a seção “sobre” no *Facebook*, elenca as principais reivindicações da Marcha, iniciando-se assim:

O primeiro ponto de reivindicação é a ressignificação do termo ‘vadia’. Somos constantemente chamadas de vadias, putas e vagabundas pelo simples fato de exercermos nossa sexualidade livremente e por sermos seguras de quem somos. Se, no momento que nos declaramos livres, liberadas, felizes, conscientes e seguras sexualmente, somos vadias, então somos todas (e queremos ser todas) vadias, pois não existe nada mais libertador e bonito do que ser livre, ter amor próprio e consciência do próprio corpo. Ser mulher é uma luta diária em nossa sociedade machista- (MARCHA DAS VADIAS RECIFE, 2013).

A atuação da MVR na internet acontece por meio da fanpage no *Facebook*-, *Blog*-, perfil no *Twitter*- e canal no *Youtube*-. Toda a alimentação dos meios de comunicação em nome do coletivo e a moderação dos conteúdos postados são reservadas às mulheres, e elas afirmam que essa decisão é em respeito ao protagonismo, à autonomia feminina e à luta feminista por espaços de

visibilidade e tomadas de decisões. Além dessa construção virtual, o movimento se propõe a ação pontual de ir às ruas anualmente e caminhar contra a violência e o machismo, como acontece em todas as Marchas ao redor do mundo.

A MVR não possui alianças formais com outros movimentos sociais e não possui representação partidária, embora as integrantes tenham total liberdade para se filiarem a partidos de sua escolha. O coletivo participa de eventos em parceria com outros movimentos e em sua carta de princípios declara que o apoio de homens, coletivos, movimentos, organizações, instituições e partidos é bem-vindo, incentivando a participação desses grupos com “notas de apoio, participação no dia da Marcha, desconstrução do sistema patriarcal no dia a dia, troca de conhecimentos com as vadias, realização de doações, entre outras”. Porém, o coletivo esclarece que “a representação do nosso grupo em espaços públicos, seja em debates, entrevistas ou falas públicas deverá ser realizada pelas mulheres” (MARCHA DAS VADIAS RECIFE, 2013).

Segundo o coletivo, em respeito ao princípio da horizontalidade, a construção das decisões são realizadas de forma coletiva e orgânica, em reuniões presenciais abertas a qualquer pessoa interessada em colaborar com a construção da MVR. Sempre que necessário também são realizadas enquetes ou outro meio de consulta de opinião. Essas consultas são realizadas via mídias digitais do coletivo através de *links* postados no blog e no *Facebook*.

São várias as pautas que definem a atuação do grupo, as principais delas são: a luta contra a violência sexual, submissão e exploração do corpo da mulher; a disputa pela igualdade de direitos; a defesa pela legalização do aborto; a briga contra o conservadorismo, ao dizer que, para não ser estuprada, a mulher não pode provocar; o combate contra o moralismo, através do discurso de que a mulher não pode usufruir da sua sexualidade, sensualidade e beleza; o enfretamento contra o machismo que impede que a mulher seja livre e impõe que seja apenas um objeto; a briga pelo feminismo que acolhe as mulheres e orienta na melhor forma de exercer a feminilidade, com força, determinação e respeito. A tabela 2 exhibe o acompanhamento da Marcha do Recife.

Tabela 2 – Marcha das Vadias, Recife (2016)

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
<b>Nº de internautas que gostam da página</b>	11.983			
<b>Nº de publicações</b>	12	17	16	13
<b>Temas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- cultura do estupro;</li> <li>- extermínio dos jovens negros;</li> <li>- feminicídio;</li> <li>- mulher negra;</li> <li>- golpe;</li> <li>- maria da penha;</li> <li>- ocupação dos bairros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- desigualdade racial;</li> <li>- golpe;</li> <li>- culpabilização da vítima;</li> <li>- mulher negra;</li> <li>- cultura do estupro;</li> <li>- bissexualidade;</li> <li>- extermínio dos jovens negros;</li> <li>- descriminalização do aborto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- mulheres negras;</li> <li>- #NiUnaMenos;</li> <li>- meu corpo, minhas regras;</li> <li>- feminicídio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- mulheres negras;</li> <li>- combate ao racismo;</li> <li>- ocupação das escolas;</li> <li>- feminicídio;</li> <li>- ocupe UFPE.</li> </ul>
<b>Nº de convocatórias para eventos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 6 (eventos/oficinas e atos);</li> <li>- 3 (eventos onde a mulher é tema central)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 10 (eventos/oficinas e atos);</li> <li>- 7 (eventos onde a mulher é tema central)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 0 (eventos/oficinas e atos);</li> <li>- 10 (eventos onde a mulher é tema central)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 3 (eventos/oficinas e atos);</li> <li>- 4 (eventos onde a mulher é tema central)</li> </ul>
<b>Curtidas Totais</b>	380	243	225	190
<b>Nº de compartilhamentos das publicações</b>	24	6	55	16
<b>Principais dias das publicações</b>	Segunda, quarta e quinta	Segunda, quarta e sexta	Terça, quarta e quinta	Segunda, domingo e quarta

Fonte: Elaboração própria (2017) a partir da fanpage Marcha das Vadias – Recife (@MarchaDasVadiasRecife).

A fanpage do grupo vai além das funções pessoais (postar texto, fotos e vídeos, marcar pessoas, reunir amigos em um perfil, criar eventos etc.) e permite que as pessoas que a administram promovam discussões, enquetes, vídeos e fotos em um modelo de maior alcance que um perfil pessoal, sem limitação de número de seguidores.

O grupo movimentou a fanpage durante o período estudado com 58 publicações, sendo na sua maioria publicações oficiais. Foi possível observar que essa ferramenta (a fanpage) se consolidou muito mais como uma grande agenda informativa sobre eventos, oficinas e atos envolvendo a mulher e seu



papel na sociedade, do que na promoção de pautas educativas e possibilitadoras de debates envolvendo o universo feminista. Grande parte das postagens tem, exclusivamente, o objetivo convocatório. A partir da *hashtag* #VadiasConvidam, muitos atos que não são divulgados pela grande mídia chegam a essas pessoas através desse coletivo e suas redes.

Os principais dias de publicações foram a segunda-feira, quarta-feira e quinta-feira. Em relação a conexão da Marcha das Vadias Recife com outros coletivos feministas ou outros grupos ativistas com lutas que coexistem, foi possível identificar a conexão com 6 coletivos, sendo a maioria grupos feministas como o *Think, Olga*, ONG dedicada ao empoderamento feminino. A Marcha de Recife, como mencionado antes, também dispõe de *Instagram* (com 208 seguidores), *Twitter* (com 292 seguidores) e um canal do *YouTube* (com 4 seguidores)-.

### **Comparação entre as páginas**

As duas localidades do movimento foram analisadas através da página do *Facebook* levando em consideração os seus planos de mobilização, fotos e vídeos, bem como declarações de propósito, slogans e declarações de missão. Diante da análise empírica foi possível observar que a ação está, sim, baseada na desconstrução da cultura do estupro e da culpabilização da vítima, entretanto existe uma clara variação local de como a mensagem foi transmitida. A seguir são feitas algumas considerações.

Em primeiro lugar, embora algumas tendências de uniformidade sejam perceptíveis, em relação às organizadoras dos protestos foi possível constatar uma variedade de contextos que incluem a participação de artistas, músicos, cineastas, jornalistas e estudantes de graduação. A Marcha de Toronto, por exemplo, foi organizada por uma artista e por um estudante de graduação da Universidade de York, enquanto a de Marcha de Recife não tem organização definida.

Em segundo lugar, uma série de atividades aconteceram nas *SlutWalks*. Os tipos mais comuns de eventos são os discursos e convocações para as marchas. No Recife e em Toronto também visualizamos, a partir de fotos das Marchas, música ao vivo, panfletagem, microfones abertos, cânticos, danças e pinturas de

faixas. Na *SlutWalk* Toronto ocorreram eventos como leituras de tarô, leituras de poemas, recitais, aula de dança e sessões de jogos; no Recife, em contraponto, aconteceram programações como ensaios de batuque, leituras de cordéis feministas e apresentação teatral de coletivos de mulheres que tocam o afoxé.

Em terceiro lugar, em relação às vestimentas, comparando as duas realidades, na Marcha de Toronto, pela não disponibilização das fotos no *Facebook*, foi necessário fazer a análise pelo *Flickr*, sendo observado que desde o início as mulheres já estavam com trajes provocativos, inclusive em épocas de frio, mas não era unanimidade. E na Marcha de Recife- é visível uma construção dessa vestimenta de “vadia” em função dos anos. Na Marcha de 2012, por exemplo, as mulheres usavam trajes normais, já na de 2015 foi perceptível uma grande quantidade de participantes com sutiãs, biquínis e até com peitos a mostra. Pode-se concluir que o uso das roupas provocativas é um ponto em comum nas duas localidades.

Em quarto lugar, a simbologia do corpo-bandeira está presente em todas as Marchas, mas de forma alguma as ativistas deixaram de lado o cartaz tradicional. A ideia de chocar a sociedade e chamar mais atenção para o movimento através dos seus corpos acontece nas duas cidades. Entretanto, as mensagens variam de acordo com o contexto de suas lutas, mas na maioria dos casos os cartazes se propõem a desconstruir a cultura do estupro e a culpabilização da vítima. Exemplos em ambos movimentos são: “Não quer dizer não”, “Sou vadia, e tenho orgulho”, “Minhas roupas não são meu consentimento”, “Minha roupa não tem nada a ver com você” e “Não diga às mulheres como se vestir, diga aos homens para não estuprarem”.

Em quinto lugar, em relação ao feminismo interseccional- foi possível captar, a partir dos temas das publicações, que os dois movimentos estão colocando em evidência as diversas opressões: de gênero, raça e classe social. O antigo feminismo dos anos 1920, que apenas englobava a opressão de gênero e atendia exclusivamente às reivindicações das mulheres brancas de classe média, vai aos poucos se desconstruindo, e o feminismo atual, exposto nas Marchas, passa a considerar as necessidades da classe de mulheres trabalhadoras e de classe baixa, que eram invisibilizadas dentro desse movimento. Isso sem também deixar de

fora outras pautas de lutas (por exemplo, de pessoas trans, com deficiência etc.) e a experiência de sujeitos que ganham corpos e materialidades nesses cenários. Entretanto, é necessário deixar claro que só pelos discursos e imagens não foi possível saber se de fato existe uma construção feminista interseccional, essa parte da análise poderia ter sido mais bem pontuada a partir de entrevistas com ativistas desses movimentos, o que não foi feito.

**Tabela 3** – Comparação entre as Marchas de Toronto e Recife (2016)

	Nº de internautas que gostam da página	Nº de publicações	Nº de convocatórias para eventos (total)	Curtidas Totais	Nº de compartilhamentos das publicações
<b>Marcha de Toronto</b>	15.027	43	4	3.400	655
<b>Marcha de Recife</b>	11.983	58	43	1.038	101

Fonte: Elaboração própria (2017) a partir das fanpages da SlutWalk Toronto e Marcha das Vadias – Recife.

Em sexto lugar, em relação aos números de postagens, temas, dias e *feedback* dos fãs das duas páginas oficiais, foi possível chegar às seguintes observações/conclusões. A Marcha de Recife tem mais publicações e uma atuação mais constante, porém a de Toronto tem mais curtidas. A Marcha de Toronto concentra-se muito mais em publicações educativas ou de denúncias, enquanto a de Recife ainda está mais focada na convocação para eventos. A maioria da movimentação da MVR se dá pela apropriação da *hashtag* #VadiasConvidam, a qual normalmente não é divulgada na mídia tradicional. Ademais, a Marcha de Toronto tem uma maior visibilidade. Por ser mais transnacional, provavelmente tem um número seis vezes maior de compartilhamentos, mesmo tendo “apenas” cerca de 3 mil fãs a mais que a de Recife.

Finalmente, pode-se entender que com passar dos anos, e nas comunidades específicas, as manifestações incluem novas reivindicações próprias, de acordo com o perfil dos participantes e com a cultura do local. Os grupos de cada cidade se organizam de forma independente e aprofundam discussões sobre a situação específica das mulheres de suas comunidades.

## Considerações finais

Como dito no início desta pesquisa, a pergunta que norteou este trabalho foi: “quais as principais semelhanças e diferenças entre as Marchas do Recife e Toronto no que se refere à identidade desses movimentos e às formas de atuação?”. Numa busca por responder a essa pergunta, nossas análises indicaram dois resultados principais. Em relação às semelhanças, viu-se que as pautas tanto nas descrições das *fanpages* e como na atuação na esfera virtual, no período acompanhado, convergiram quando tratam das principais bandeiras da Marcha: o combate à cultura do estupro e à culpabilização da vítima.

Em relação às diferenças, observou-se que a atividade no *Facebook* da Marcha do Recife utiliza a plataforma muito mais em busca de divulgar as suas ações, principalmente convocando os seguidores para eventos (com 43 postagens de 58 analisadas para tal finalidade), enquanto a Marcha de Toronto busca muito mais promover discussões e denúncias (com apenas quatro postagens convocando pessoas, entre 43 analisadas).

Além disso, também se buscou fazer reflexões sobre o discurso da Marcha, que, junto com o movimento, migrou da esfera local para a transnacional. Tal resultado faz parte da estratégia do coletivo de usar as redes digitais em busca de atingir também a esfera real, as ruas e a opinião pública.

A Marcha, assim, faz uso das tecnologias para produzir uma reflexão acerca da mulher e de sua posição na sociedade. É através da tecnologia que inúmeros sentidos se formulam, que há uma interlocução entre a Marcha das Vadias e as mulheres que desejam militar por elas e por todas as classes vítimas de perseguição, de opressão e de violência por uma sociedade patriarcal, machista e sexista.

Dessa forma, entende-se que as mídias sociais possuem papel relevante em movimentos sociais contemporâneos, pois potencializam as discussões e provocam ações. As mídias digitais servem, ainda, como repositório das memórias atuais de movimentos ainda jovens, como a Marcha das Vadias, e de causas ainda não tão presentes nas mídias tradicionais (jornal, televisão, rádio etc.). Muitas vezes ainda mal traduzido para a sociedade, o feminismo não encontra eco nas páginas dos jornais, mas sim na participação e na mobilização promovida por essa “nova”

sociedade em rede. Vale destacar que a internet tem suas limitações de ação, tanto que é comum a censura de fotos das Marchas das Vadias por apresentarem algum conteúdo considerado indevido, como de nudez, por exemplo.

O movimento feminista também não pode ser analisado enquanto um movimento uno. É preciso destacar que a sua composição é muito diversa e as mulheres que levantam bandeiras feministas em todo o mundo estão inseridas em sociedades com diferentes históricos na formação do patriarcado. Além disso, o novo feminismo, materializado na *SlutWalk*, e acompanhando a tendência dos novos movimentos sociais do século XXI, entende as opressões de gênero para além delas mesmas, levando em consideração as questões econômicas e sociais que permeiam a vivência dentro de um gênero.

Também vale frisar que todo e qualquer movimento é passível de críticas e controvérsias. Em relação às limitações das *SlutWalks*, elas permeiam três pontos principais. O primeiro é quanto à ressignificação do termo “vadia”. Algumas ativistas argumentam que existe um significado histórico diferente para essa palavra entre as mulheres brancas e as mulheres negras. O segundo leva em conta a classificação do movimento como um evento elitista, que marginaliza as mulheres que operam fora as circunscrições de ser urbano, inglês-educado e financeiramente confortável. O último ponto é em relação aos trajes provocativos, que são utilizados como parte de sua identidade com o objetivo de redefinir a sexualidade da mulher, sendo sexual sem ser julgada, estuprada ou perseguida. Em relação a esses pontos, autores alertam que numa sociedade dominada pela pornografia, como o Ocidente, vestir-se em marchas dessa forma seria o mesmo que reforçar a sexualidade pornográfica que é consumida.

Apesar das críticas levantadas e da dificuldade de aceitação, a Marcha das Vadias segue com o nome por considerar que o mesmo tem um poder libertador. O mote “se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias” tenta contemplar a luta de todas as mulheres que desejam ser donas de si mesmas. Ao fim deste estudo, destaca-se a importância de dar continuidade a algumas questões aqui exploradas ou pouco contempladas, em especial a como o ciberativismo vem (re) modelando o feminismo contemporâneo e a quais são as conquistas reais/efetivas das Marchas e de outros movimentos sociais com forte base na internet.

## Referências

ÁLVAREZ, S. E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista, *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43: p. 13-56, jan-jun. 2014.

BRINGEL, B. e ECHART, M. Dez anos de Seattle, o movimento antiglobalização e a ação coletiva transnacional. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, vol. 46, n. 1, p. 28-36, jan-abr. 2010.

CARR, J. The SlutWalk Movement: A Study in Transnational Feminist Activism. *Journal of Feminist Scholarship, Western Michigan University*, n. 4 , p. 24-38, mar-jun. 2013.

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CAZELOTO, Edilson. Monocultura informática: a voracidade dos chips. *Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*, São Paulo, n. 14, p. 95-107. out. 2009.

CONWAY, J. Transnational Feminisms Building Anti-Globalization Solidarities. *Revista Globalizations, Canada* , vol. 9, n. 3 , p. 379-393. jun. 2012.

EICHNER, K. et al. A análise de redes sociais e ação coletiva: a comunidade científica de analistas de redes lusófonos. In: Maria Inês Tomael e Regina Marteleto (eds.), *Informação e redes sociais: interfaces de teorias, métodos e objetos*. Londrina: EDUEL - Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1ª edição, vol. 1, 2015. Volume 2 disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/504/394>>. Acesso em: 19 de ago. 2016.

GALETTI, C. Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. In: 18º Encontro da REDOR - Perspectivas Feministas de Gênero: desafios no campo da militância e das práticas científicas, Recife, 2014.

GOMES, C e SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n.2, p. 433-447, mai-ago, 2014.

JUNQUEIRA, M. e GONÇALVES, V. A Marcha das Vadias: Por que as Mulheres Gritam? In: 2º Congresso Internacional de História da UFG, 2011, Jataí.

MARCHA DAS VADIAS RECIFE. *Coletivo Marcha das Vadias Recife*, 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasRecife>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MARTINI, J. Lewgoy; PUHL, P. R. Marcha das Vadias: Um movimento social na era da comunicação digital em rede. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre.

MCNICOL, L. M. SlutWalk is ‘kind of like feminism’: A critical reading of

Canadian mainstream news coverage of SlutWalk. 2012. Dissertação (Curso de Cinesiologia e Estudos de Saúde) - Queen's University, Canada, 2012.

MELUCCI, A. *Challenging Codes: Collective Action in the Information Age*. Cambridge: University Press, 1996.

OLSON, M. *A lógica da ação coletiva: bens público e teoria dos grupos*. São Paulo: Editora Edusp, 1999.

PLANT, S. *Mulher digital. O feminismo e as novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.

RAGO, M. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. In: *Revista Cadernos AEL*, Campinas, n. 3/4, p. 1-33, 1995.

RASSI, A. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”. *Revista História da UEG*, Goiânia, v.1, n.1, p. 43-63, jan.-jun. 2012.

RUSH, C. *Cop Apologizes for ‘Sluts’ Remark at Law School*. Toronto Star, Toronto, 28 fev. 2011. Caderno GTA, p. x.

SLUTWALK TORONTO FACEBOOK. BECAUSE WE’VE HAD ENOUGH | *SlutWalk Toronto*, 2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/SlutWalkToronto>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.

Recebido em março de 2017

Aprovado em julho de 2017